

# **A construção da torre sineira da Igreja de São Salvador de Briteiros (1797)**

António José de Oliveira

Investigador do CITCEM

Mestre em História e Cultura Medievais

Doutorado em História de Arte na Faculdade de Letras / Porto



## 1. Introdução

A investigação em História de Arte através das atas notariais é uma tarefa árdua e morosa, mas de importância primordial. Compulsámos os livros de notas, do fundo notarial do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, que nos forneceram elementos fundamentais para o conhecimento e inventariação das inúmeras obras espalhadas por Guimarães e concelhos vizinhos, bem como dos artistas que as executaram durante o século XVII e a centúria seguinte. Este levantamento dos contratos de obra permitiu-nos a datação da maior parte dos espécimes artísticos ainda hoje existente em Guimarães e seu termo; a identificação de quem encomendou e financiou a obra; o artista ou artistas responsáveis pela sua execução; qual o local da sua origem e residência; os fiadores; as alterações levadas a termo no seio dos imóveis religiosos e civis; o custo da obra; o prazo de execução; o autor do risco entre muitas outras coisas, como sejam os materiais utilizados na execução das mesmas.

O presente artigo insere-se num estudo mais vasto, que pretendemos realizar sobre as torres sineiras de Guimarães e seu termo do século XVIII, nomeadamente a sua datação, executantes, análise formal e sua localização em relação à igreja.

A igreja paroquial de São Salvador de Briteiros, localizada no sopé do Monte de São Romão, a escassos metros da Citânia de Briteiros, não tem merecido, por parte da História da Arte, a atenção que a sua especificidade justifica. Importa, por esse motivo avançar com outras reflexões que esclareçam melhor a importância desta igreja no contexto construtivo do Noroeste de Portugal, nos finais do século XVIII. O objetivo principal deste breve trabalho, pretende dar a conhecer o contrato de obra relativo à edificação da torre sineira, conservado no Fundo Notarial do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Trata-se também de contextualizar esta torre sineira com a obra arquitetónica do conceituado mestre pedreiro Vicente José de Carvalho, natural do reino da Galiza e do seu filho João Manuel de Carvalho, bem como do arquiteto Luís Inácio Barros Lima. Na edificação desta estrutura arquitetónica estiverem envolvidos os melhores técnicos, tanto ao nível da execução como do risco.

A paróquia de São Salvador de Briteiros<sup>1</sup> inserida administrativamente no concelho de Guimarães, confronta com as seguintes freguesias: São Lourenço de Sande, Donim, Santa Leocádia de Briteiros, Santo Estevão de Briteiros, São Cláudio do Barco, Sobreposta e Espinho.

Este templo situa-se junto do cemitério paroquial, que se desenvolveu do lado Sul da igreja, onde estão sepultados os corpos do arqueólogo Francisco Martins Sarmiento e de sua esposa, num jazigo que reproduz uma “casa castreja”, e da residência paroquial e de frente para a Quinta da Igreja. A fachada principal é precedida por pequeno adro, semicircular, murado e com escadaria central para a estrada N 309. Do lado Norte, em cota superior, encontra-se um logradouro, dois cruzeiros, datados na base de 1739 e 1742, e um relógio de sol sobre coluna de pedra.

Na frontaria desta igreja pode-se observar um portal, estruturado por pilastras com capitéis lisos, com frontão interrompido encimado por nicho concheado, em arco pleno, albergando a imagem em granito do seu padroeiro (São Salvador), estruturado por dois pilastras com capitéis lisos que sustentam cornija recta encimada por motivo decorativo com volutas. É ladeado por dois óculos de moldura recortada. A fronteira é flanqueada por uma torre sineira, que apresenta três registos, separados por friso de pedra. O primeiro registo apresenta duas cartelas com inscrição; o segundo registo contém um relógio de pedra; e o terceiro registo quatro sinos. Contrariamente às restantes fachadas, a frontaria principal e a torre sineira são rebocadas e pintadas de branco, com embasamento de granito. As restantes fachadas são edificadas em aparelho regular com juntas cimentadas e irregular<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Em 2012, com o regime jurídico da reorganização administrativa territorial autárquica, esta freguesia está agregada à freguesia de Santa Leocádia de Briteiros sob a designação de União das freguesias de Briteiros, São Salvador e Briteiros, Santa Leocádia.

<sup>2</sup> Sobre a descrição exterior e interior deste imóvel, veja-se DINIS, António Pereira – Igreja Paroquial de São Salvador de Briteiros / Igreja do Divino Salvador, in [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt).



Figura 1. Fachada principal da Igreja



Figura 2. Torre sineira: parte traseira

## 2. A torre sineira segundo o contrato de obra (1797)

A 1 de agosto de 1797, Vicente Carvalho e o seu filho João Manuel de Carvalho, mestres pedreiros, moradores no lugar da Conceição, freguesia de Santa Eulália de Fermentões, incubiram-se de uma obra que João Antunes Guimarães, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo<sup>3</sup> e assistente na vila de Guimarães, como procurador do Reverendo Custódio José de Macedo, abade da freguesia de Salvador de Briteiros<sup>4</sup>, queria fazer na Igreja de Briteiros<sup>5</sup>. O ajuste legal foi lavrado no escritório do tabelião Nicolau Pereira, localizado na rua Nova das Oliveiras, em Guimarães, e nele foi estipulado a feitura de uma nova torre sineira na referida igreja. Esta empreitada seria executada por ordem e mecenato de Manuel José Duarte Guimarães. Relativamente a este mecenas não encontramos até ao momento qualquer referência documental. A única alusão que temos de Manuel José Duarte Guimarães encontra-mo-la na epígrafe existente no primeiro registo da torre sineira inserida em cartela moldurada e rematada por motivos fitomórficos, em granito, cuja leitura é a seguinte:

“MANOEL DUARTE, BRAZILEIRO, DA CASA DAS EIRAS DESTA FREGUESIA MANDOU FAZER ESTA TORRE E DEU O SINO GRANDE EM 1799”

Pelo exposto nesta inscrição, podemos aferir que Manuel Duarte era um emigrante no Brasil, natural da freguesia de São Salvador de Briteiros, concretamente da casa das Eiras e que tinha igualmente financiado a feitura do sino grande em 1799.

<sup>3</sup> João Antunes Guimarães, professo da Ordem de Cristo, morador no lugar da Igreja da freguesia de São Salvador de Briteiros, faleceu com todos os sacramentos, no dia 28 de outubro de 1818. Foi sepultado no dia 31 do mesmo mês, na igreja paroquial da mesma freguesia (A.M.A.P.=Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Livro óbitos da freguesia de São Salvador de Briteiros, P.134, fl.9). Pelo registo de óbito redigido por Custódio José de Macedo, abade da freguesia de São Salvador de Briteiros, temos conhecimento de que João Antunes Guimarães era viúvo de Dona Ana Maria da Guerra. João Antunes Guimarães foi o herdeiro e o testamenteiro do Reverendo Padre Luís António do Amaral morador no lugar de Ventuzela, da freguesia de São Salvador de Briteiros e falecido a 25 de maio de 1795. Este Reverendo Padre foi sepultado no adro da igreja da mesma freguesia atrás da Capela de Nossa Senhora do Desterro (A.M.A.P., Livro óbitos da freguesia de São Salvador de Briteiros, P.133, fls.95v-96.). Consultando os registos de baptismo da freguesia de São Salvador de Briteiros, sabemos que do casamento de João Antunes Guimarães com Dona Ana Maria da Guerra resultou a seguinte descendência: João (n.10-05-1781); Francisco (n.25-07-1782); Luísa (n.28-12-1787); Maria (n.7-08-1788); António (n.31-12-1790); Ana (n.18-05-1792); Luís (n.24-01-1795); Luísa Maria (n.11-09-1798). João Antunes Guimarães era filho de João Antunes e de sua mulher Maria Gonçalves moradores no lugar da Igreja. Dona Ana Maria da Guerra era filha de José de Araújo Vieira e da sua mulher Custódia Maria da Guerra moradores em São Miguel das Caldas (A.M.A.P., Livro baptismos freguesia de São Salvador de Briteiros, P.129, fl.23v).

<sup>4</sup> Custódio José de Macedo, abade da freguesia de São Salvador de Briteiros faleceu a 21 de outubro de 1835, sendo sepultado dois dias depois na capela-mor da igreja paroquial da mesma freguesia (A.M.A.P., Livro óbitos da freguesia de São Salvador de Briteiros, P.134, fl.17v.) Este termo foi assinado pelo coadjutor Manuel José Gomes Pereira Veloso. Apenas lhe foi administrada o sacramento da extrema-unção “por não estar sem seu juízo perfeito” (*idem, ibidem*). Teve um ofício de 41 padres.

<sup>5</sup> Contrato notarial transcrito na íntegra no apêndice documental. Este documento foi sumariamente referido por Alberto Vieira Braga (BRAGA, Alberto Vieira - “Mestres de pedraria do reino da Galiza, assistentes em Guimarães”, in *Revista de Portugalidade Gil Vicente*, 2ª série, vol. 14, Guimarães, 1963, p.76.



Figura 3. Torre sineira: pormenor da epígrafe de 1799

Segundo a procuração apresentada e transcrita na íntegra nesta nota notarial<sup>6</sup>, temos conhecimento de que a pedra utilizada nesta obra seria extraída do Monte da Citânia, dessa mesma freguesia. Os mestres pedreiros obrigavam-se a mandarem oficiais para ajudarem no transporte da mesma pedra até ao local da empreitada.

<sup>6</sup> Procuração lavrada em São Salvador de Briteiros, a 24 de julho de 1797. No momento da assinatura desta escritura pública a procuração foi apresentada por João Antunes Guimarães.



Figura 4. Citânia de Briteiros – décadas de 20/30 século XX (Col. Muralha-Associação de Guimarães para a Defesa do Património)

Na nossa visita ao interior deste templo encontrámos encrostado na parede junto à torre sineira um ornato tetrásceles castrejo<sup>7</sup>, possivelmente oriundo da Citânia de Briteiros, o que comprova materialmente o que é exposto neste contrato de obra<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Devemos ao Dr. Gonçalo Cruz, arqueólogo da Sociedade Martins Sarmento, que nos comprovou de que se trata de um tetrásceles. Agradecemos ao nosso Amigo Dr. José Manuel Costa, membro do executivo da União de Freguesias de Briteiros, São Salvador e Briteiros, Santa Eulália, por nos ter acompanhado ao interior desta Igreja. O nosso obrigado igualmente ao Sr. Abílio Lima de Freitas, Presidente da Junta de Freguesia da União de Freguesias de Briteiros, São Salvador e Briteiros, Santa Eulália.

<sup>8</sup> Este aproveitamento de pedraria de povoados castrejos para a edificação de estruturas arquitetónicas era usual na época, nomeadamente na área do concelho de Guimarães. Por exemplo, na edificação da denominada Fonte de D. João VI, existente na freguesia de São Tomé de Caldelas, a poucos quilómetros da torre sineira em estudo, temos conhecimento de que o pedreiro arrematante obrigava-se a extrair a pedra do monte de Sabroso sendo por conta do Senado o seu transporte até às Caldas das Taipas (A.M.A.P., livro da vereação, cota 10-9-8-9, fl, 28v).



Figura 5. Interior Igreja: portal de acesso ao interior da torre sineira



Figura 6. Pormenor do tetrásceles

O encomendante comprometia-se a fornecer toda a cal e saibro necessários. Segundo a mesma procuração, os mestres pedreiros poderiam “*utilizar da pedra da torre que presentemente existe, e que tiver serventia, para a nova*”. A torre anteriormente existente seria desfeita à custa dos mestres comprometendo-se a arrumar toda a pedra. Os artistas fariam à sua custa os alicerces e se por ventura a igreja sofresse qualquer dano durante o desmamentamento da torre velha e durante a construção da nova torre, os artistas responderiam pelos prejuízos. O Reverendo de Briteiros comprometia-se a pagar pela obra a quantia de 700\$000 réis, pagos em quatro prestações, a saber:

- 1º pagamento: de 150\$000 réis, concluídos os alicerces;
- 2º pagamento: de 150\$000 réis, finalizadas as sineiras, portas e pirâmides;
- 3º pagamento: de 100\$000 réis, concluída a garganta da cúpula;
- 4º pagamento: de 300\$000 réis, acabada a torre na forma do risco.

Para a obra, acerca da qual a escritura lavra os apontamentos, tinha-se elaborado previamente, um risco feito pelo Beneficiado Luís Inácio de Barros Lima. O risco foi entregue neste ato notarial aos dois mestres, sendo as mesmas assinadas pelo tabelião e pelos outorgantes. O texto notarial ilustra que os artistas teriam de fazer os seguintes acréscimos:

*“huma caza de abobeda no fundo da mesma torre e por baixo da servidão para o choro da igreja para a pia baptismal, e pezos do relógio: hum cano por baixo da torre para dar sahida as agoas dos telhados, e todas as mais serventias que para o dito fim forem precisas haver na dita torre”.*

Os dois artistas comprometiam-se a fazer a torre com toda segurança e de grossa e boa pedraria e toda labrada a pico e assentada em cal, sendo que a cantaria seja toda bem lavrada, escudada e sem defeito algum. O encomendador poderia rever a obra conforme as vezes que lhe parecesse, segundo o risco. A obra seria concluída durante o mês de julho de 1798, sob pena dos pedreiros perderem 50\$000 réis. Igualmente, por cada mês de atraso na conclusão da empreitada os mestres perderiam 10\$000 réis.

Este ato notarial foi testemunhado pelo Reverendo Beneficiado Luís Inácio de Barros<sup>9</sup>, morador na rua Travessa, e por Manuel José de Sousa Almeida morador na rua do Postigo.

Através de registos fotográficos<sup>10</sup> e da inscrição gravada na pilastra do lado esquerdo da torre sineira; granito, sabemos de que esta torre foi parcialmente destruída por um raio a 13 de janeiro de 1921. A leitura desta inscrição é a seguinte:

“FOI PARCIALMENTE DESTRUIDA POR UM RAI0 EM 13 DE JANEIRO DE 1921”

Pela Inscrição gravada na pilastra do lado direito da torre sineira sabemos que a torre sineira é mandada reconstruir pelo Dr. João Antunes Guimarães, da Casa da Eira, e um dos descendentes de João Antunes Guimarães, procurador do pároco de São Salvador de Briteiros, que firmou o contrato em 1797. A leitura da placa é a seguinte:

<sup>9</sup> O Reverendo Beneficiado trata-se do arquitecto autor do risco desta torre sineira. Trataremos deste aspeto em capítulo próprio deste nosso articulado.

<sup>10</sup> O registo fotográfico que reproduzimos foi gentilmente cedida pela família da Casa da Igreja.

“FOI MANDADA RECONSTRUIR EM 1929 PELO DR. JOÃO ANTUNES GUIMARÃES DA CASA DA IGREJA DESTA FREGUESIA”



Figura 7. Torre sineira após parcial destruição provocada por uma raio - 1921/1928 (col. Família da Casa da Igreja)

No pano Norte da torre sineira, inserida em cartela moldurada e rematada por motivos fitomórficos encontra-se outra inscrição com a seguinte leitura:

“AO POVO DESTA PARÓQUIA PELO SEU ESFÔRÇO E DEDICAÇÃO NAS OBRAS DE RECUPERAÇÃO E RESTAURO DA IGREJA PAROQUIAL E CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL 1992–2000”



Figura 8. Torre sineira: pormenor das epígrafes

### 3. Breve nota sobre os artistas

Os dois executantes desta torre sineira e o riscador são artistas com atividade conhecida, pelo que as suas obras não têm passado despercebidas aos investigadores, pelo que podemos esboçar os seus percursos profissionais e pessoais.

#### 3.1. Vicente José de Carvalho, mestre pedreiro

A primeira referencia que temos de Vicente José de Carvalho data de 1753<sup>11</sup>. A 22 de maio de 1753, Vicente da Senra, filho legítimo de André da Senra, já defunto e de sua mulher Alberta de Carvalho, da freguesia de Santa Maria de Mourente, termo da vila de Pontevedra, do Reino da Galiza, casou com Mariana Teresa de Almeida, filha legítima de Carlos Fernandes e Rosa de Almeida do lugar de Ponte de Caneiros, da freguesia de Santa Eulália de Fermentões<sup>12</sup>. O matrimónio é celebrado na Igreja paroquial de Fermentões, pelo vigário Francisco Xavier<sup>13</sup>. Desse casamento resultariam os seguintes filhos: António Jacinto (n.1753)<sup>14</sup>; Rodrigo Manuel (n.1755)<sup>15</sup>; Maria Bernarda (n.1756)<sup>16</sup>; Joana Teresa (n.1757)<sup>17</sup>; João Manuel (n. 1760)<sup>18</sup>; Teresa Luísa (n.1761)<sup>19</sup>; Eugénia Maria (n.1765)<sup>20</sup>; Luís António (n.1766)<sup>21</sup>; e Maria Joana (n.1769)<sup>22</sup>.

<sup>11</sup> Muitos dos dados artísticos e biográficos de Vicente Carvalho, apresentámos em primeira mão aquando da comunicação que apresentámos denominada “O percurso de Vicente Guimarães, negociante no Brasil, e de seu tio Vicente Carvalho, mestre pedreiro (séc. XVIII)”, integrada no II Ciclo de Conferências “Gentes da Nossa Terra”, que decorreu no dia 3 de junho de 2016, no salão nobre da Casa do Povo de Fermentões, a convite da mesma instituição. Palestra integrada no âmbito das Comemorações do Dia Internacional dos Museus, organizado pelo Museu de Agricultura de Fermentões/Casa do Povo.

<sup>12</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.204v.

<sup>13</sup> Este vigário será o fiador de Vicente Carvalho, na empreitada da Casa dos Lobos Machado. Testemunharam este casamento, a saber: Jerónimo Lopes, Bento Francisco, Manuel Pereira e Manuel Fernandes. Todas as testemunhas eram moradores na freguesia de Santa Eulália de Fermentões.

<sup>14</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.115. Foram padrinhos: António Joaquim e a sua irmã Inês Jacinta, ambos moradores na Quinta de Caneiros, freguesia de Fermentões.

<sup>15</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fls.121v-122. Foram padrinhos: Rodrigo de Sousa Lobo, abade de Santa Comba de Regilde e Maria Doroteia de Barbosa e Castro, filha de Jerónimo Machado, da Quinta de Caneiros. Por parte do padrinho assistiu ao batizado realizado a 23 de fevereiro de 1755, com procuração o seu irmão o Beneficiado Dâmaso António de Sousa Lobo. Além desta ligação familiar entre Vicente Carvalho e Dom Rodrigo de Sousa Lobo, existia igualmente uma ligação profissional. Um ano antes, como veremos mais à frente, Vicente Carvalho em parceria com Amaro José Farto, irá arrematar a obra de pedraria da Casa dos Lobos Machado, encomendada por Dom Rodrigo de Sousa Lobo (este facto já foi por nós realçado, veja-se: OLIVEIRA António José de – “Dinâmicas da arquitetura religiosa, pública e privada de Guimarães nos séculos XVII e XVIII”, in Cidade Visível, nº 5, Guimarães, Camara Municipal de Guimarães, 2017, p. 74).

<sup>16</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.126. Foram padrinhos: Manuel António e a sua irmã Maria Bernarda, ambos da Quinta de Caneiros.

<sup>17</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.133v-144. Foram padrinhos: o Padre Vicente Monteiro da freguesia de Santa Eulália de Fermentões e Teresa Maria, filha de Manuel Francisco da rua de Santa Luzia (Guimarães),

<sup>18</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.143v. Foram padrinhos: João Lopes de Amorim e a sua mulher Teresa de Jesus Carneiro, moradores no lugar da Amorosa, da freguesia de São Pedro de Azurém.

<sup>19</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.148. Foram padrinhos: Luís António Francisco e Teresa Maria, da rua de Santa Luzia, da vila de Guimarães.

<sup>20</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.159v. Foram padrinhos: Domingos Francisco Teixeira e Eugénia Maria moradores na Cruz de Pedra, freguesia de São Miguel de Creixomil.

<sup>21</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 289, fl.167v. Foram padrinhos: Luís António de Carvalho e a sua filha Dona Benta Rosa de Carvalho, moradores na rua de Santa Maria (Guimarães). Este filho de Vicente de Carvalho seguiria o ofício de organeiro, aprendendo esta arte com o conceituado Dom Francisco António Solha, natural de Pontevedra (SANTOS, Manuela de Alcântara – “A Colegiada de Guimarães e a música”, in *O órgão da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira*, Guimarães, Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, 2014, p. 39). Sobre atividade artística de Luís António de Carvalho Guimarães: veja-se *idem, ibidem*, pp. 39-40; BASTOS, Celina – “A Igreja da Colegiada: dos projectos da centúria de Setecentos à renovação oitocentista do templo”, in A Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: História e Património, Guimarães, Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, 2011, pp. 117-119.

<sup>22</sup> A.M.A.P., Livro batizados da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P. 291, fl.4v. Foram padrinhos: João de Melo Pereira e Sampaio, da vila de Guimarães e a sua irmã Dona Maria Joana de Melo Pereira. Assistiu com procuração da madrinha a este ato Luís António de Carvalho morador na vila de Guimarães.

Vicente Carvalho foi padrinho de batizado do seu sobrinho Vicente Guimarães nascido a 3 de novembro de 1754, no lugar de Selho, da freguesia de Santa Eulália de Fermentões<sup>23</sup>. Filho legítimo de António Luís Almeida e de Josefa Maria Lopes, foi batizado a 6 de novembro. Com 10-11 anos, Vicente Guimarães é transportado para o Brasil, regressando mais tarde à sua terra Natal. No Brasil, mais concretamente na cidade de Mariana deixa descendência, mantendo aí uma agência de negócios. Em 1792, Vicente Guimarães encontrava-se como assistente em casa do seu tio e padrinho, Vicente José de Carvalho, no lugar da Calçada, freguesia de Fermentões. A 13 de Julho de 1792, Vicente Guimarães achando-se na casa de Vicente José de Carvalho, determina fazer o seu testamento instituindo o seu tio Vicente José de Carvalho como seu testamenteiro<sup>24</sup>. A 22 de Julho de 1792, com 37 anos, Vicente Guimarães falecia na casa do seu tio, com todos os Sacramentos<sup>25</sup>. Dois dias depois seria sepultado na Ordem Terceira de São Francisco, de Guimarães. Da sua herança deixava parte às suas primas, filhas do seu tio e padrinho Vicente Carvalho; e à sua prima Mariana, filha de Francisco Portela.

Dois meses após a morte do seu sobrinho, a 25 de setembro de 1792, falecia a sua mulher Mariana Teresa de Almeida moradora no lugar da Calçada e no dia seguinte foi sepultada dentro da Igreja, numa sepultura que estava entre os altares colaterais, junto ao de Santo António<sup>26</sup>.

A 31 de agosto de 1799, dois anos após a arrematação da obra da torre sineira de Briteiros, este mestre pedreiro galego falecia, sendo sepultado no dia seguinte na igreja paroquial de Santa Eulália de Fermentões<sup>27</sup>. Como disposição testamentária sabemos que foi amortalhado no hábito São Francisco, sendo seu corpo levado na tumba da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, da qual era irmão. Seu corpo seria acompanhado por 10 clérigos, e pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e das Almas, de Fermentões e pela do Senhor dos Passos, de Guimarães. Deixou seus filhos por seus herdeiros. As duas canastras encouradas já velhas são “*de minha filha Maria Bernarda*”<sup>28</sup>. Continuando a leitura das suas disposições testamentárias, podemos aferir:

*“Declaro que o que eu devo e me devem a mim fica carregado em hum caderno assignado por mim hum caderno de coatro que tem vinte folhas (...) “Deixo por minha devoção huma toalha aparelhada para a Irmandade das Almas desta freguezia, bem como dois bancos de por a cera e huma moeda de ouro de esmolla para a ajuda do seu altar e mais outra moeda de ouro que tinha de esmolla para ajuda da mesma obra (...)”*<sup>29</sup>.

Vicente José de Carvalho permanece ativo entre 1754-1797. A sua oficina localizada em Santa Eulália de Fermentões era uma das mais importantes da região do Vale do Ave, onde o seu filho João Manuel terá feito a sua aprendizagem. Apresentamos o quadro seguinte com o resumo da sua atividade artística:

<sup>23</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P.289, fls.121-121v.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, António José de - “O testamento de Vicente José de Almeida Guimarães, negociante vimaranense no Brasil (1792)”, in Nas Duas Margens: os portugueses no Brasil, Porto, Edições Afrontamento / CEPESE, coord. por Fernando de Sousa, Isménia Martins, Izilda Matos, 2009, pp.479-492.

<sup>25</sup> A.M.A.P., Livro óbitos da freguesia de Santa Eulália de Fermentões P.297, fls.59-61.

<sup>26</sup> A.M.A.P., Livro óbitos da freguesia de Santa Eulalia de Fermentões, P.297, fl.61v. Assento redigido pelo vigário Manuel António Mendes.

<sup>27</sup> A.M.A.P., Livro óbitos da freguesia de Santa Eulalia de Fermentões, P.297, fls.74v-76.

<sup>28</sup> A 11 de outubro de 1770, Maria Bernarda casou com Alberto José de Lamas, filho legítimo de Bártolo de Lamas e de Josefa Garrido, da freguesia de São Miguel de Marcão, do Reino da Galiza. O matrimónio foi celebrado na igreja de Fermentões, sendo testemunhas Francisco Portel, mestre pedreiro do reino da Galiza., morador no lugar da Calçada; Domingos Francisco do lugar das Coradeiras; e Tomás António do lugar da Covilhã, todos da freguesia de Fermentões (A.M.A.P., Livro casamentos da freguesia de Santa Eulalia de Fermentões, P.295, fl.14).

<sup>29</sup> A.M.A.P., Livro óbitos da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P.297, fls.74v-76.

Quadro I<sup>30</sup>

Data contrato	Encomendador	Obra	Arrematantes da obra	Quantia
1754	Reverendo Rodrigo de Sousa Lobo, abade de Regilde	Casa Lobos Machado	Vicente de Carvalho e Amaro José Farto, mestres pedreiros (Reino da Galiza)	250\$000 réis
1760	Convento do Carmo	Obra de pedraria da casa comunal do Convento do Carmo	Vicente de Carvalho	263\$200 réis
1763	Convento de Santo António dos Capuchos	Obra da fronteira da Igreja Convento de Santo António dos Capuchos	Vicente Carvalho e António da Cunha Correia Vale, mestre entalhador residente na rua de Santo António dos Capuchos (Guimarães)	448\$400 réis
1767	Convento de São Domingos	Obra de pedraria da igreja São Domingos: reparação da igreja pois esta ameaçava ruína	Vicente Carvalho	197\$000 réis
1768	Manuel Lopes da Cunha Velho, mordomo da vila, como procurador de Gonçalo e Amaral, <i>“antigo almotacé mor do Reyno e Comendador da Comenda de Brito”</i>	Obra de pedraria da Capela-mor e sacristia da Igreja de São João de Brito (concelho de Guimarães)	Vicente Carvalho e seu irmão André Carvalho	185\$920 réis
1771	João Ribeiro Dias morador no lugar de Bairro da freguesia de Fermentões <i>“como procurador e correspondente de seu irmão António Ribeiro Dias da mesma e este como correspondente de Francisco Barboze aubzente no Brasil e natural do Terreiro da villa dos Arcos”</i>	Uma levada no rio da Choças na freguesia de Santa Maria de Vilela, termo de Arcos de Valdevez, no sítio da Ponte de Baixo	Vicente Carvalho	440\$000 réis
1773	Confraria de Nossa Senhora da Consolação, sita na Capela de Nossa Senhora da Consolação, do Campo da Feira, de Guimarães	Finalizar a obra de pedraria das duas naves do corpo da igreja e frontispício da capela-mor da <i>“capela ou igreja do Campo da Feira”</i>	Vicente Carvalho	10 mil cruzados
1784	Francisco Ribeiro, ourives, de Guimarães, procurador da Irmandade do Cordão e Chagas	Feitura da torre sineira, da Igreja de São Dâmaso	Vicente José de Carvalho e seu filho João Manuel de Carvalho e Francisco Portela	680\$000 réis
1787	Confraria do Santíssimo Sacramento, sita na Igreja de São Paio, de Guimarães	Obra da igreja e frontaria Igreja	Vicente Carvalho	280\$000 réis, mais 80\$000 réis pela fronteira da igreja

<sup>30</sup> Para a feitura desta tabela baseamo-nos em: OLIVEIRA, António José de – Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIII, dissertação de doutoramento em História de Arte Portuguesa apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011, vols.1 e 2.

1787	Cabido da Colegiada	Casa do Cabido da Colegiada de Guimarães	Vicente de Carvalho e seu filho João Manuel de Carvalho e Almeida; e seu cunhado e tio Francisco Portela; todos mestres pedreiros e moradores no lugar da Calçada freguesia de Santa Eulália de Fermentões	A obra seria paga à braça e ao palmo
1790	Confraria de Nossa Senhora da Consolação, sita na Capela de Nossa Senhora da Consolação, do Campo da Feira, de Guimarães	Feitura da capela-mor da Igreja do Senhor dos Passos, de Guimarães	Vicente Carvalho	1280\$000 réis

Vicente José de Carvalho arremata igualmente obras de iniciativa camarária ao longo de 1760-1789. Esta atividade construtiva divide-se em calcetamento de ruas e abastecimento de água, como constatamos nos quadros seguintes:

#### Quadro II

##### Calcetamento de ruas e de caminhos e reparação de pontes (1760-1788)<sup>31</sup>

Data	Obra	Quantia	Artista arrematante	Fonte
1760 Jul. 5	Acabamento da calçada “ <i>que se acha por acabar junto ao Convento do Carmo</i> ”	Cada braça nova a 10 tostões e velha a 5 tostões	Vicente Carvalho	M-1823, Livro Vereação nº29, fl. 35v
1767 Abr. 4	Conserto das calçadas das ruas da vila de Guimarães que se encontravam “encapazes de por ella se andar”	Cada braça de calçada a 10 tostões e da velha \$400 réis	Vicente Carvalho / Domingos de Passos	M-1824, Livro Vereação nº30, fl. 90
1768 Jun. 18	Conserto das ruas da vila de Guimarães	Cada braça calçada nova a \$900 réis e cada da velha a \$300 réis	Vicente Carvalho / Domingos de Passos / Pedro António Lourenço	M-1824, Livro Vereação nº30, fl. 116v
1788 Fev. 16	Calcetamento das ruas da vila de Guimarães	1\$600 réis cada braça de calçada de pedra nova e da calçada velha a \$600 réis	Vicente Carvalho	M-1826, Livro Vereação nº32, fls. 197-197v

<sup>31</sup> Para a feitura desta tabela baseamo-nos em: OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.1, pp. 429-438.

**Quadro III<sup>32</sup>**  
**Chafarizes e abastecimento de águas (1767-1789)**

Data	Obra	Quantia	Artista arrematante	Fonte
1767 Jan. 14	Continuação da obra do encanamento da água da serra, segundo os apontamentos das folhas 13	Cada braça a 10 tostões	Vicente Carvalho	M-1824, Livro Vereação nº30, fls. 79v-80
1769 Set. 6	Obra do encanamento da água da serra	Cada braça a 1\$100 réis	Vicente Carvalho / Pedro António Lourenço	M-1824, Livro Vereação nº30, fl. 152v
1788 Mar. 15	Obra do encanamento da água da Praça de Nossa Senhora da Oliveira	44\$600 réis	Vicente Carvalho	M-1826, Livro Vereação nº32, fls. 198v
1789 Nov. 12	Obra do encanamento da água da Fonte da Dominicas	2\$000 réis a braça	Vicente José Carvalho	M-1827, Livro Vereação nº33, fl. 41

Além desta sua atividade construtiva, temos conhecimento de que Vicente Carvalho forneceu um parecer ao Senado de Guimarães. Através de um requerimento do Doutor Procurador do Concelho e respetivo despacho exarado pelo Senado em 1767<sup>33</sup>, temos notícia de uma morada de casas de pedra casa, na rua do Espírito Santo, também denominada rua da Cadeia, que ameaçava ruína grave. Segundo o requerente, o grau de degradação era tal, por estarem arruinadas, que este advertia para os seguintes perigos:

*“cahindo a dita fronteira no que nam só cauzaria prejuizo ao povo que pella dita rua pasar mas ahinda cahindo as cazas fronteiras e das bandas”.*

Deste modo, no requerimento é exposto que se devia evitar tais conseqüências que poderiam advir da derrocada da fronteira, à população e às restantes casas próximas. Como plano de acção, o requerente requeria que o Senado obrigasse o proprietário da casa a reedificá-las de modo *“que quem passar pella dita rua e vizinhança estivessem libres de susto”*<sup>34</sup>. Perante o exposto, os senadores mandaram vir à Câmara, Vicente Carvalho e Domingos de Passos, mestres pedreiros, para que estes examinassem, no local, o estado de conservação da casa. Perante o juramento dos Santos Evangelhos, os mestres pedreiros dão o seguinte parecer, que corrobora o requerimento:

*“as ditas cazas se achavão toda e muita aruindas e a fronteira a cahir (...) grande ruina e perigo a quem passasse pela dita rua e vizinhança das ditas cazas”.*

Exposto o requerimento e a peritagem dos mestres pedreiros, o Senado exara um despacho favorável, notificando os possuidores das casas para que num prazo de três dias dessem início à reedificação da dita parede.

Como podemos verificar ao longo da sua vida Vicente Carvalho executa várias obras de pedraria em parceria com o seu filho João Manuel de Carvalho, com o seu irmão André Carvalho e com o seu cunhado Francisco Portela<sup>35</sup>.

<sup>32</sup> Para a feitura desta tabela baseamo-nos em: OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.1, pp. 438-443.

<sup>33</sup> A.M.A.P., M-1824, Vereação da Câmara, livro nº30, fls.89v-90, de 4 de abril de 1767.

<sup>34</sup> A.M.A.P., M-1824, Vereação da Câmara, livro nº30, fls.89v-90.

<sup>35</sup> Francisco Portela casou com a irmã da mulher de Vicente de Carvalho. O casamento foi celebrado na Igreja de Fermentões a 23 de abril de 1769. Pelo assento de casamento sabemos de que Francisco Portela era filho legítimo de Tomás Portela e de Benta do Outeiro, da freguesia de São Miguel de Marcão, do arcebispado de Santiago de Compostela, do reino da Galiza. Casou com Maria Teresa de Almeida, filha legítima de Carlos Fernandes e de Rosa de Almeida do lugar da Calçada. Testemunharam este matrimónio o Padre Vicente Monteiro, e o Padre Francisco Rodrigues de Freitas, sacerdote desta freguesia e *“muitas mais pessoas que se acharão presentes”* (A.M.A.P., Livro casamentos da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P.295, fl.4v).

### 3.2. João Manuel de Carvalho Almeida, mestre pedreiro

João Manuel de Carvalho Almeida nasceu a 12 de fevereiro de 1760<sup>36</sup>, na freguesia de Santa Eulália de Fermentões, filho de Vicente da Senrra e de Maria Teresa de Almeida. Seus pais eram moradores no lugar da Ponte de Caneiros, da mesma freguesia. Foi batizado na igreja paroquial da mesma freguesia a 18 de fevereiro, sendo padrinhos: João Lopes de Araujo do lugar da Amorosa da freguesia de São Pedro de Azurém e sua mulher Teresa de Jesus Carneiro. Este filho de Vicente de Carvalho faleceu a 19 de novembro de 1810 com todos os sacramentos, exceto o da extrema unção por “*não dar tempo*”<sup>37</sup>. No dia seguinte, foi sepultado na igreja paroquial de Fermentões. Segundo o assento de óbito redigido pelo Reverendo Encomendado Bento José da Costa este pedreiro era casado com Joaquina Teresa e morador no lugar da Calçada de Cima da mesma freguesia. Não fez testamento por ser pobre. Teve o acompanhamento de cinco padres pagos pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da freguesia de Fermentões.

Pelo exposto podemos aferir que João Manuel Carvalho e Almeida faleceu com 50 anos. Deste modo quando arremata a obra da torre sineira em estudo tinha 37 anos. Apesar de ter falecido pobre, este mestre pedreiro arrematou ao longo da sua existência várias empreitadas. Em 1783, arremata a obra das casas da residência da freguesia de Santa Maria da Torre, concelho de Amares, comenda do Marquês de Nisa, bem como a obra da capela-mor da igreja da mesma freguesia. A obra da residência paroquial foi arremata por 540\$000 réis e a obra da capela-mor por 340\$000 réis<sup>38</sup>. Em 1784, arremata em parceria com o seu pai e o seu tio Francisco Portal, pela quantia de 680\$000 réis<sup>39</sup> a feitura da torre sineira da Igreja de São Dâmaso de Guimarães. A de fevereiro de 1787, Vicente José de Carvalho e seu filho João Manuel de Carvalho e Almeida; e seu cunhado e tio Francisco Portela; todos mestres pedreiros e moradores no lugar da Calçada, freguesia de Santa Eulália de Fermentões contratam com o Cabido da Colegiada a feitura da Casa Capitular<sup>40</sup>. Na freguesia de São Salvador de Donim, contígua à de São Salvador de Briteiros, em 1790, arremata a obra de pedraria de uma capela e de um torreão com o seu campanário<sup>41</sup>. Neste documento, encontrámos de novo João Antunes Guimarães, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, morador na sua Quinta do Assento da Igreja, sita na freguesia de São Salvador de Briteiros, na qualidade de encomendador desta empreitada<sup>42</sup>. No ano seguinte, arremata por 470\$000 réis, a construção da capela-mor da Capela de Nossa Senhora da Guia<sup>43</sup>.

### 3.3. Luís Inácio de Barros Lima, arquiteto

O Beneficiado Luís Inácio de Barros Lima autor do risco da torre sineira da Igreja de São Salvador de Briteiros surge igualmente neste contrato de obra na qualidade de testemunha. Segundo o contrato, residia em Guimarães na rua Travessa. Inicialmente terá abraçado a vida religiosa para mais tarde contrair matrimónio com

<sup>36</sup> A.M.A.P., Livro Misto da freguesia de Santa Eulalia de Fermentões, P.289, fl.143v

<sup>37</sup> A.M.A.P. Livro Misto da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, P.298, fl.17.

<sup>38</sup> Pela parte do encomendador, firmou o contrato António Lourenço de Fonseca morador na freguesia de Prado, como procurador do Marquês de Nisa Dom Rodrigo Xavier.

<sup>39</sup> Contrato parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.2, p.245. Sobre este templo veja-se: OLIVEIRA, António José de – “A obra de pedraria e talha da Igreja de São Dâmaso de Guimarães (1691-1784)”, in Revista de Artes Decorativas, n.º 6, IV série, Porto, Universidade Católica / CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes/Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, 2012-2014, pp. 69-94.

<sup>40</sup> Contrato de obra publicado na íntegra por BASTOS, Celina; OLIVEIRA, António José de – “Os projectos da Casa do Cabido de Guimarães”, in A Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: História e Património, Guimarães, Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, 2011, pp.132-153.

<sup>41</sup> Documento referido em primeira mão por OLIVEIRA, António José de – Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIII..., vol.1. pp. 498-499

<sup>42</sup> Era representante do Padre Jerónimo Ferreira do Vale, natural das freguesias de São Salvador de Donim e “*assistente nos Estados da América*”, testamenteiro de seu falecido irmão José Ferreira do Vale.

<sup>43</sup> O seu pai e o seu tio Francisco Portela foram os seus fiadores nesta empreitada. Contrato parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.2, p.253-256.

D. Luísa Rosa Meneses de Alpoim Silva<sup>44</sup>. Até ao momento não encontramos o assento do seu matrimónio. No entanto, sabemos que a sua mulher terá falecido a 28 de abril de 1828<sup>45</sup>, sendo sepultada na Igreja das religiosas Capuchas, de Guimarães. O pároco de São Sebastião refere que recebeu todos os sacramentos e que era casada com Luís Inácio de Barros moradores na rua Travessa. Deste matrimónio resultaram três filhos. O seu filho mais velho, Luís, nasceu a 6 de janeiro de 1803, na rua Travessa<sup>46</sup>. Foi batizado a 13 do mesmo mês, pelo pároco António José Antunes da Cunha, sendo seus padrinhos, o Ilustríssimo Pedro de Melo Breyner, Regedor das Justiças da cidade do Porto<sup>47</sup> e madrinha a sua mulher Dona Rufina de Melo Sousa Tavares<sup>48</sup>. Testemunharam este ato, os dois procuradores dos padrinhos. Segundo Celina Bastos, a ligação de Luís Inácio Barros Lima ao Porto e a Pedro de Melo Breyner justificam a escolha deste para padrinho do seu filho<sup>49</sup>. O seu segundo filho nasceu a 24 de dezembro de 1803, sendo batizado pelo pároco de São Sebastião a 29 do mesmo mês<sup>50</sup>. Luís Inácio e a sua mulher surgem ainda como moradores na rua Travessa. Foram padrinhos José Pedro de Barros Costa, irmão de Inácio Barros Lima, morador na rua de Couros e madrinha Dona Francisca de Paula, religiosa Dominica<sup>51</sup>, com licença ordinária e seu procurador Frei António Joaquim, religioso de São Domingos. O filho mais novo chamado António nasceu a 29 de agosto de 1807 e foi batizado no dia 5 de setembro, pelo pároco António José Antunes da Cunha<sup>52</sup>. Foram padrinhos os tios da criança: Frei António Joaquim de Barros, religioso de São Domingos com licença ordinária e Dona Francisca Felizarda.

Numa escritura notarial firmada na rua de São Domingos de Guimarães, a 1 de março de 1791, estabelece uma sociedade de capela de música, juntamente com vários indivíduos, nos quais é referido o nome do seu irmão e do seu pai:

*“(...) os beneficiados Luís Inácio de Barros Lima e seu irmão João António de Barros Lima e juntamente seu pai Manuel de Barros Costa morador na rua Travessa das Dominicicas (...)”*<sup>53</sup>.

Luís Inácio de Barros Lima nasceu na rua da Fonte Nova, da freguesia de São Paio, de Guimarães, a 11 de março de 1764<sup>54</sup>. Pelo seu assento de batizado sabemos que era filho legítimo de Manuel de Barros Costa e da sua mulher Dona Antónia Josefa do Rosário Lima, moradores na rua da Fonte Nova. Foi batizado a 14 do mesmo mês, recebendo os Santos Óleos na Igreja de São Paio, pelo Padre António da Costa pároco da mesma, sendo os seus padrinhos Luís Guedes Pinto, da Praça de Santiago e Maria, solteira, filha de Jacinto de Barros, da freguesia da Pedreira, concelho de Unhão, comarca de Guimarães.

<sup>44</sup> BASTOS, Celina – *obra cit.*, p. 115.

<sup>45</sup> A.M.A.P., livro óbitos da freguesia de São Sebastião, P. 465, fl. 97.

<sup>46</sup> Documento apresentado em primeira mão por BASTOS, Celina – *obra cit.*, p. 115. AMAP. Livro batizados da freguesia de São Sebastião, P. 451, fl. 175v.

<sup>47</sup> Assistiu com sua procuração o Doutor António de Melo Pais de Vilas Boas, Corregedor de Guimarães.

<sup>48</sup> Assistiu com sua procuração o Ilustríssimo Francisco Cardoso de Meneses, Capitão-mor da vila de Guimarães.

<sup>49</sup> BASTOS, Celina – *obra cit.*, p. 115.

<sup>50</sup> A.M.A.P., Livro batizados da freguesia de São Sebastião, P. 451, fl. 129v. Foram testemunhas: António José Cardoso e António Correia Morais, ambos da Porta da Vila.

<sup>51</sup> O Convento de Santa Rosa de Lima situa-se na rua Travessa, artéria em que vivia Luís Inácio Barros Lima.

<sup>52</sup> A.M.A.P., Livro batizados da freguesia de São Sebastião, P. 452, fl. 17v.

<sup>53</sup> BRAGA, Alberto Vieira - “Curiosidades de Guimarães. XVII Jurisdições e padroados. Capelas de música. O coro da Colegiada e do Convento da Costa”, in *Revista de Guimarães*, vol. 67, 1957 Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1939, p.361. Contrato publicado na íntegra por

<sup>54</sup> A.M.A.P., Livro batizados da freguesia de São Paio, P. 416, fl. 67v-68. Testemunharam este batizado José António da Silva da rua da Fonte Nova e Jacinto de Barros, pai da madrinha.

Segundo Celina Bastos, Barros Lima a partir de 1798 desenvolveu uma grande atividade no Porto<sup>55</sup>. Em 1801, alcança o cargo de arquiteto ao serviço da Junta das Obras Públicas, presidida por Pedro de Melo Breyner, padrinho do seu filho mais velho<sup>56</sup>. O Arquivo Municipal do Porto possui na sua posse para consulta variadas plantas de Luís Barros Lima, enquanto na função de arquiteto municipal. O projeto da reedificação da Igreja matriz de Ovar datado de 1804 é da sua autoria<sup>57</sup>.

Além do risco da Torre sineira da igreja paroquial de São Salvador de Briteiros, este arquiteto possui uma vasta atividade no concelho de Guimarães que foi devidamente estudada por Celina Bastos<sup>58</sup>.

<sup>55</sup> BASTOS, Celina – *obra cit.*, p 115.

<sup>56</sup> BASTOS, Celina – *obra cit.*, p 115. Em 1822 pede a sua demissão, mas em 1829 é reintegrado.

<sup>57</sup> Vechina, Sofia Nunes – “A Igreja Matriz de Ovar nos séculos XVII-XIX: obras e artista”, *A Encomenda. O Artista. A Obra*, Porto, CEPSE, 2011, pp. 523-545. A mesma autora considera que o esboço apresentado nos inícios da década de 30, da mesma igreja embora não esteja assinado a autora atribui ao mesmo Inácio (*idem, ibidem*, p.528). A autora reproduz os referidos desenhos (*idem, ibidem*, pp. 538-539).

<sup>58</sup> BASTOS, Celina – *obra cit.*, pp. 115-116. Desde o cabido da Colegiada, à residência paroquial de Paraíso, Igreja de Aldão, até à freguesia de Santa Maria de Silves e ao Santuário de São Torcato. Esta autora reproduz no seu artigo uma assinatura de Barros Lima.

#### 4. Conclusão

Em relação à localização desta torre sineira, esta aparece num dos lados do frontispício da igreja<sup>59</sup>. Esta torre apresenta como característica ter sido executada posteriormente à construção da igreja, motivando a demolição da torre primitiva e ser uma estrutura tripartida que nobilitou esta igreja paroquial pelas suas extraordinárias dimensões este templo.

A construção de torres sineira como estrutura autónoma da igreja é um fenómeno relevante da arquitetura religiosa. Esta torre sineira exemplar magnífico, quer pela importância dos seus executantes e arquiteto de renome, quer pelas suas dimensões, constitui ainda hoje um marco arquitetónico na paisagem desta freguesia.



Figura 8. Torre sineira: pormenor

<sup>59</sup> Sobre a localização das torres sineira em relação aos edifícios religiosos veja-se artigo ALVES, Joaquim Jaime Ferreira – “Torres sineira a norte do Douro nos séculos XVII-XVIII (1)” in *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, nº 5/6, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006/2007, pp.181-188.

### Apêndice documental<sup>60</sup>

1797, agosto, 1 – Guimarães.

Contrato de obra de pedraria da torre sineira da igreja de São Salvador de Briteiros, entre João Antunes Guimarães, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo e assistente na vila de Guimarães, como procurador do Reverendo Custódio José de Macedo, abade da freguesia de Salvador de Briteiros e os mestres de pedraria Vicente José de Carvalho e João Manuel de Carvalho Almeida.

A.M.A.P. = Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, nota do tabelião Nicolau António Pereira, 9-2-10-1-2 (nova cota), fls.22-23v

(fl. 99) “Contrato abbade do Salvador de Briteiros deste termo com Vicente Jose de Carvalho e seu filho mestres pedreiros da freguezia de Fermentões deste termo.

Em nome de Deos Amen. Saibão quantos este instrumento de contrato a factura de obra e obrigações na forma ao diante virem, que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos noventa e sette a o primeiro de agosto do dito anno neste villa de Guimaraens e rua Nova das Oliveiras della em meu escritório apparearão presentes de huma parte João Antunes Guimarães cavaleiro profeço na Ordem de Christo assistente nesta mesma villa, e da outra Vicente Jozé de Carvalho, e seu filho João Manoel de Carvalho mestres pedreiros moradores no logar da Conceição freguezia de Santa Eulalia de Fermentões deste termo pessoas que reconheço de que dou fé. E por elle João Antunes Guimaraens me foi apresentada a própria procuração que para este contrato remeteu o Reverendo Custodio Jozé de Macedo Abbade da freguezia do Salvador de Briteiros da qual // (fl. 99v) da qual o seu theor de verbo ad verbum hé o seguinte= dela presente por mim feita e assinada constituo meu bastante procurador ao Senhor João Antunes Guimaraens profeço na Ordem de Christo assistente na villa de Guimaraens para que em meu nome como se eu presente possa (sic) digo se eu presente fosse, possa assistir a huma escritura de recipocas obrigaçoens, que entre mim, e os mestres pedreiros Vicente Jozé de Carvalho e filho João Jozé de ser feita naquela villa a respeito de huma torre que com elles ajustei de me fazerem nesta minha igreja por ordem de Manoel Jozé Duarte Guimaraens, cujas obrigações a meo respeito são as seguintes=que serei obrigado a mandar conduzir do Monte da Sitânia desta freguezia, e logar entre nós pactuado, toda a pedra preciza para a mesma torre, sendo elles mestres obrigados a mandarem officiais ajudar a carregar a dita pedra. Que lhe darei toda a cal e saibro precisos para a mesma torre. Que elles mestres se poderão utilizar da pedra da torre que presentemente existe, a que tiver serventia para a nova; ficando com tudo os mesmos obrigados a desfazerem a dita torre velha à sua custa, arrumarem a pedra, prepararem os alicerces, e a responderem por todo danno que a igreja sofrer per sua culpa. Que serei obrigado a dar lhe settecentos mil reis em dinheiro, preço em que estamos justos, cuja quantia receberão em quatro pagamentos feitos na forma seguinte; que concluído o alicerse da dita torre receberão cento e cincoenta mil reis; concluídas as sineiras receberão outra igual quantia; postas as pirâmides e concluída a garganta da cúpula receberão cem fim reis; e finalmente que acabada a dita torre na forma do risco receberão trezentos mil reis, cujos pagamentos fazem a dita quantia de settecentos mil

<sup>60</sup> Os critérios usados na transcrição dos documentos em apêndice, foram os seguintes: desdobramento de abreviaturas sem assinalar as palavras reconstituídas; separação de palavras unidas indevidamente; atualização do uso das maiúsculas e minúsculas; colocação do sinal (...) no lugar de palavras com dificuldade de leitura; indicação do final de cada página do original, usando-se o sinal //.

reis, os quaes haverão de mim, ou de quem eu ordenar, ficando eu livre de outro algum encargo ou obrigação a respeito dos ditos mestres, e torre, excepto as asim expostas e declaradas. E pello que diz respeito às obrigações dos ditos mestres alem das asima expostas são estas as seguintes= Que elles se obrigão pela dita quantia de settecentos mil reis, pedra, cal, e saibro, e pedra da torre velha, tudo na forma asima declarada a fazerem a dita torre nova segundo e conforme o risco feito pelo Beneficiado Luis Ignacio de Barros Lima, e porque foi justa, e juntamente // (fl. 100) com os acréscimos de huma caza de abobada no fundo da mesma torre e por baixo da servidão para o choro da igreja para a pia baptismal e pezos do relógio: hum cano por baixo da torre para dar sahida as agoas dos telhados, e todas as mais serventias que para o dito fim forem precisas haver na dita torre, e se obrigão a faze la por sy, e com a sua asistencia sem della poderem fazer passagem a outra pessoa ou mestre tanto antes de a principiarem como em outro qualquer estado em que a obra se achar ficando nullo e de nenhum efeito todo e qualquer contrato ou ajuste que contra esta obrigação fizerem, e (...) <sup>61</sup> dito factio com liberdade de a dar a quem me pareser: que se obrigão a fizeram a mesma torre com toda a segurança, e que para esse efeito se obrigão a faze la de groça e boa pedraria, e que esta será toda lavrada a pico, e asentada em cal: que a cantaria será toda bem lavrada, escudada, e sem defeito algum: que poderei mandar tirar em grande o modelo da dita torre e revê la todas as vezes que me pareser, para se ver se vai conforme com o risco, bem entendido, que ambas estas couzas serão feitas à minha custa que elles se obrigão a trabalhar efectivamente na dita torre e com toda a deligencia de forma que se obrigão a dá la acabada com toda a perfeição posta do mez de julho do futura anno de mil e settecentos noventa e oito annos: que se obrigão a perder cincoenta mil reis não a dando acabada athe o dito tempo vindo a faze la em tal cazo por seiscentos e cincoenta mil reis, que querem perder des mil reis mais por cada mez que alem do dito de julho for passado, sem acabarem a dita torre: que alem destas pennas pecuniárias, que elles asy livremente impoem e para melhor satisfazerem ao seu ajuste querem que sem serem ouvidos possa eu, ou quem minhas vezes fizer mandar acabar a dita torre à sua custa e por quem me pareser: que para dar plena satisfação a todas as obrigações asima expostas e declaradas obrigão suas pessoas e bens moveis e de rais havidos e por haver e terços de suas almas, que renuncião plena e geralmente todo o direito e alegações que possuem fazer a seu favor e contra a dita obra, e obrigações de que liberalmente e per sua vontade se encarregão, e para assistir a dita escritura // (fl.100v) escritura, e assinada, e assistir a todas as seguranças e obrigações dos ditos mestres asima e expostas, do mesmo modo, e na forma que se achão declaradas e pontuadas, e não de outra qualquer forma, e juntamente para fazer bonas aos mestres mestres (sic) as obrigações de que a seu respeito asima me encarrego, dou ao dito Senhor João Antunes Guimaraens meu procurador bastante todos os poderes necessarios, e que em direito me são concedidas. Salvador de Briteiros vinte e quatro de julho de mil e settecentos noventa e sette anos. Declaro que na linha decima quinta supra se achão as palavras = des mil reis riscadas por se acharem repetidas= Marcado. O Aabade Custodio Jozé de Macedo. E não continha mais e na dita procuração que copiei aqui na verdade e a própria tornou a receber o procurador João Antunes Guimaraes, que abaixo assinou. E logo em minha presença e das testemunhas ao diante nomeadas e assinadas disse o mesmo João Antunes Guimaraens em nome de seu constituinte o Reverendo Abbade Custodio José de Macedo, estava justo e contratado com os sobredidos mestres Vicente José de Carvalho e seu filho João Manoel de Carvalho destes lhe fazerem toda a obra da torre da sua freguesia do Salvador de Briteiros na forma do risco que neste acto se lhe entrega asinado por eles outorgantes e por mim tabelião, e pello preço de settecentos mil reis em dinheiro nos pagamentos, e tempos, e com as obrigações, clauzulas, penas, condições, e declarações expressas na procuração retro copeada. E pellos mesmos mestres foi dito que aceitavam a factura da mencionada obra da torre pello mesmo preço, condições, excepções, declaradas, penas, e obrigações estipuladas na referida procuração; e ao cumprimento de tudo cada hum deles outorgantes obrigou sua pessoa e bens moveis e de rais havidos e por haver e terços de suas almas, a saber eles mestres por sy, e elle procurador em nome de seu

<sup>61</sup> Palavra de difícil leitura.

constituente abbade, e requererão o presente instrumento do qual outorgarão os traslados necesarios do theor deste o que tudo eu tabelião como pessoa publica que sou estipulante e aseitante tudo estipulei e aseitei em nome de quem aseitação mais toque e tocar possa e forão testemunhas a tudo presentes // (fl.101) presentes o Reverendo Beneficiado Luis Ignacio de Barros, e Manoel Jozé de Souza Almeida morador este na rua do Postigo, e aquelle na rua Travessa e assinarão lido por mim Nicolão Antonio Pereira que o escrevi.

(Assinado:) JOÃO ANTUNES GUIMARÃES

(Assinado:) NICOLÃO ANTONIO PEREIRA

(Assinado:) JOÃO MANOEL DE CARVALHO ALMEIDA

(Assinado:) O Beneficiado LUIS IGNACIO DE BARROS

(Assinado:) VICENTE JOZE DE CARVALHO

(Assinado:) MANOEL JOZÉ DE SOUZA ALMEIDA

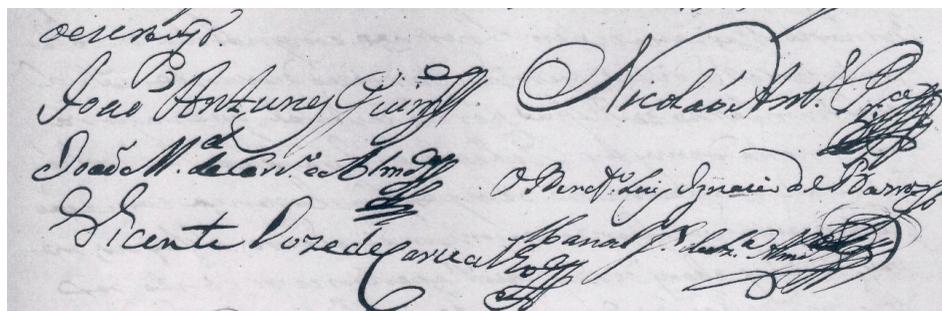
A photograph of a document page showing several handwritten signatures in cursive script. The signatures are arranged in two columns. The left column contains the names: 'João Antunes Guimarães', 'João Manoel de Carvalho Almeida', and 'Vicente Jozé de Carvalho'. The right column contains the names: 'Nicolão Antonio Pereira', 'Luis Ignacio de Barros', and 'Manoel Jozé de Souza Almeida'. Each signature is accompanied by a small circular stamp or seal.

Figura 9. Assinaturas dos outorgantes do documento de 1 de agosto de 1797